

A resiliência em assentamentos rurais: uma experiência na região norte de Mato Grosso

Resilience in rural settlements: an experience in northern Mato Grosso

Alexandre de Azevedo Olival^a

^aDiretor do Instituto Ouro Verde e professor da Universidade Estadual de Mato Grosso,
Alta Floresta, MT, Brasil
End. Eletrônico: alexandre@ouroverde.org.br

doi:10.18472/SustDeb.v7n2.2016.15320

Recebido em 25.05.2015

Aceito em 09.06.2016

ARTIGO - DOSSIÊ

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal adaptar a metodologia de avaliação de resiliência como ferramenta para o planejamento estratégico e operacional do Instituto Ouro Verde (IOV), organização não governamental que atua apoiando grupos e agricultores de base familiar na região norte de Mato Grosso. O trabalho foi desenvolvido em quatro etapas, a saber: caracterização do modo de produção familiar, caracterização dos grupos envolvidos com o IOV, construção de cenários futuros para a agricultura de base familiar e definição de estratégias em diferentes escalas para ação da instituição. Os resultados apontaram para a caracterização do modo de produção familiar a partir de quatro dimensões: matriz produtiva, organização do trabalho, percepção do papel da terra e organização social, identificando a variedade existente dentro do segmento de agricultura familiar. A partir dessa diversidade, foram definidas as ações em diferentes escalas para o fortalecimento dos atributos considerados essenciais para esses agricultores.

Palavras-chave: Resiliência. Agricultura familiar. Campesinato. Análise sistêmica. Desenvolvimento rural.

ABSTRACT

The aim of the study was adapt the resilience assessment methodology as a tool for strategic and operational planning of Instituto Ouro Verde (IOV), a nongovernmental organization that works to support family-based groups and farmers in northern Mato Grosso. The study was conducted in 04 stages: characterization of the family farmers production system, characterization of the groups involved in IOV, construction of future scenarios for family-based agriculture and developing strategies for action at different levels. The results pointed to the characterization of the family production mode from 04 dimensions: production matrix, work organization, perception of the role of the land and, finally, social organization, evidencing the existing variety of the family farming segment. From this diversity, the



actions were set at different scales for the strengthening of the attributes considered essential for these farmers.

Keywords: Resilience. Family farmer. Peasantry. Systemic analysis. Rural development.

INTRODUÇÃO

O tema agricultura familiar tem sido foco de inúmeras discussões teóricas, havendo diversos entendimentos a respeito do seu futuro na sociedade contemporânea, existindo desde aqueles que profetizam seu desaparecimento até os que acreditam ser possível a sua reprodução ao longo de gerações (DEPONTI, 2007).

Destaca-se, entretanto, que há diferentes entendimentos sobre o próprio conceito de agricultura familiar, ora denominada agricultura de pequena escala, pequenos agricultores, pequenos produtores, camponeses, entre outras denominações. Apesar do ponto de partida de todos esses conceitos referir-se à propriedade familiar dos meios de produção (WANDERLEY, 1996), a combinação entre propriedade e trabalho assumiu, no tempo e no espaço, grande diversidade de formas sociais, resultando em uma diversidade de processos produtivos, na qual as relações de produção especificamente capitalistas se desenvolveram mais em algumas regiões e setores do que em outros (SANTOS, 1981). Esse quadro impõe às organizações que atuam na agricultura familiar a necessidade de situar-se ante as diferentes concepções desse segmento, representando um desafio adicional para a definição de ações que estejam coerentes com sua base referencial e missão institucional.

Este trabalho descreve a experiência do Instituto Ouro Verde (IOV) no uso da abordagem de resiliência como estratégia para seu processo de planejamento estratégico e operacional. O IOV é uma organização não governamental situada no município de Alta Floresta, com atuação em oito municípios da região norte de Mato Grosso, tendo como foco o apoio a grupos de pequenos agricultores usando como referência a agroecologia e a socioeconomia solidária. Seu objetivo principal é o fortalecimento do processo de organização comunitária por meio de ações ligadas à estruturação de novas atividades produtivas, à criação de novos canais de comercialização e à articulação de um banco comunitário para gestão de microcrédito junto aos grupos vinculados à instituição. Atua ainda por meio de programas de formação técnica e política voltados para lideranças e a juventude rural.

A partir da realização de um Curso de Especialização em Gestão Colaborativa de sistemas Socioecológicos na Amazônia Brasileira, parte da equipe de gestão do IOV pôde tomar contato com conceitos ligados à teoria dos sistemas complexos e resiliência e sua aplicabilidade para a gestão, avaliando que essa abordagem poderia trazer elementos importantes para o planejamento por permitir focar nos pontos considerados “chave” para o fortalecimento da missão organizacional.

Dessa forma, seguindo a proposta de caracterização da resiliência (SEAC, 2010), o trabalho teve como objetivo central redefinir as estratégias institucionais, focando nos elementos para fortalecer a resiliência do Instituto Ouro Verde ante os possíveis cenários de futuro possíveis. O trabalho teve ainda como objetivo avaliar a abordagem utilizada como estratégia facilitadora do trabalho de planejamento participativo. Os objetivos específicos foram:

- a) Caracterizar o modo de produção da agricultura familiar e camponesa a partir da perspectiva dos grupos associados ao IOV e sua equipe de assessores, possibilitando, assim, a definição das características consideradas desejáveis e que deveriam ser fortalecidas com as ações e, ainda, compreender a diversidade das comunidades envolvidas com o Instituto;
- b) Identificar, de forma participativa, os principais fatores de perturbação que interferiram historicamente na dinâmica da agricultura familiar no norte de Mato Grosso, avaliando em que medida esses fatores ainda hoje representariam riscos concretos e qual a sua capacidade de interferir nesse segmento;

c) Definir, na percepção de técnicos e agricultores, as ações necessárias para fortalecer os atributos fundamentais da agricultura de base familiar ante os atuais desafios.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com quatro grupos envolvidos com os trabalhos do IOV, representando diferentes realidades da agricultura de base familiar na região (grupos dos municípios de Alta Floresta, Nova Guarita, Carlinda e Apiacás, todos localizados na região norte do estado de Mato Grosso). Em cada um dos grupos o trabalho envolveu entrevistas e atividades com lideranças comunitárias que desempenhavam papel de articuladores das ações do IOV em suas localidades. Essas lideranças eram ainda as responsáveis pela gestão das ações do Instituto nas comunidades. São, antes de tudo, agricultores e agricultoras, jovens e adultos, que possuíam afinidade com a proposta da instituição.

O trabalho foi realizado em quatro momentos específicos, procurando adaptar a metodologia para avaliação de resiliência proposta por Scholes *et al.* (2010) e SEAC (2010):

a. Compreensão da história das comunidades envolvidas e definição dos momentos “chave” para mudança de vida dos agricultores. Para isso foram realizadas duas oficinas regionais com jovens indicados por cada grupo envolvido com o IOV. Na primeira oficina os jovens foram capacitados para realizar entrevistas com os moradores pioneiros de cada comunidade. Essas entrevistas foram conduzidas de forma aberta a partir de três questões-chave: quando e por que o agricultor migrou para o Mato Grosso; como era a vida na época de chegada ao estado e que momentos foram marcantes desta época até hoje. A segunda oficina teve como objetivo socializar e analisar de forma coletiva os dados das 15 entrevistas realizadas, buscando identificar os pontos comuns que representaram os momentos de mudança na vida dos agricultores familiares da região. Buscou-se assim a construção de uma narrativa comum aos grupos;

b. Definição, de forma colaborativa entre técnicos e agricultores, dos atributos que caracterizariam o modo de produção da agricultura familiar e construção de um formulário de entrevistas para a sua operacionalização. Os atributos foram definidos como elementos fundamentais que caracterizavam determinado modo de produção e de vida. Assim, a partir da história relatada, pôde-se identificar momentos considerados marcantes por essas pessoas. Cada momento impactou em determinados aspectos na vida dessas pessoas. Foram esses aspectos os pontos definidos como “atributos do sistema agricultura familiar”. A partir da listagem de atributos foram definidas variáveis mensuráveis, sendo construído um formulário para realização de entrevistas semiestruturadas;

c. Realização de entrevistas com representantes das comunidades. Foram realizadas pela equipe técnica do IOV 24 entrevistas nos diferentes grupos apoiados pelo instituto nos mesmos municípios citados. A escolha dos entrevistados se deu pela proximidade dos agricultores com a instituição e pelo seu papel de articulador local nas ações. Assim, foram entrevistados 06 agricultores em Carlinda, 05 em Apiacás, 08 em Alta Floresta e 05 em Nova Guarita;

d. Construção de cenários futuros e estratégias de ação. Por meio de uma oficina envolvendo técnicos e representantes dos grupos apoiados pelo IOV, foram socializados os dados das entrevistas para caracterização dos agricultores e foram definidos cenários possíveis para a agricultura familiar na região, identificando os principais fatores para a consolidação dos diferentes cenários bem como arranjos institucionais possíveis e necessários para os cenários considerados mais benéficos para os agricultores, tendo como foco o fortalecimento dos atributos da agricultura familiar previamente identificados. Essa fase encerrou-se com a construção de um plano de ações da instituição no qual estas foram classificadas de acordo com uma escala de atuação (local, regional e nacional).

Todos os dados das entrevistas com lideranças foram transcritos e transformados em dados numéricos para tratamento estatístico. Foram realizadas análises de correlação e teste de médias paramétricas ou não paramétricas, dependendo do tipo de dado, para melhor interpretação das informações. Para todas as análises considerou-se intervalo de confiança de 95% e nível de significância de 5%.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A HISTÓRIA DAS COMUNIDADES: PISTAS PARA ESTUDAR OS ATRIBUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR E SEUS FATORES DE PERTURBAÇÃO

A partir da narrativa da história das comunidades foram elencados os principais momentos marcantes para a mudança na vida dos agricultores. Esses momentos foram:

a. Fatores antecedentes à ocupação do norte de Mato Grosso (anterior a 1970)

A história de toda a região norte de Mato Grosso está profundamente relacionada à história das outras regiões do País. As condições que motivaram a migração de milhares de pessoas dos estados da região do Sul do País, como a falta de terras, o sonho de viver melhor e as expectativas geradas pela propaganda oficial envolvendo o “novo Eldorado” determinaram o modo de ocupação e, conseqüentemente, os futuros impactos que a região sofreria. Esses fatores reforçam que a ocupação dessa parte da fronteira agrícola foi planejada e estruturada, unindo interesses diversos, mas com um mesmo fim: tornar a Amazônia mato-grossense uma área “produtiva,” voltada ao mercado nacional e internacional, resolvendo simultaneamente as chamadas tensões sociais decorrentes desse mesmo modo de ocupação de outras regiões do País (CUNHA *et al.* 2008).

b. Formas de ocupação

O formato no qual foram estruturadas as comunidades também foi decisivo para determinar os desafios que seriam enfrentados nos anos subsequentes. Assim, observaram-se basicamente duas formas de ocupação na região: os ASSENTAMENTOS, sejam de responsabilidade apenas dos órgãos públicos (Incra e/ou Intermat) ou em parceria com entidades privadas, e as COLONIZAÇÕES PRIVADAS. Basicamente, as diferenças que foram identificadas a partir dos relatos referiram-se à qualidade do solo, à distância para os centros urbanos e ao endividamento da família. Assim, enquanto os assentamentos foram realizados em áreas já degradadas e/ou distantes dos centros urbanos, as áreas destinadas para a colonização privada encontravam-se mais próximas às cidades. No entanto, a dívida assumida pelos moradores nesse caso perdurou durante muitos anos sendo fator de constante preocupação para as famílias, pressionadas pela necessidade de uma rápida integração ao mercado.

c. Estruturação / Desmantelamento da infraestrutura comunitária

Independentemente da época, a estruturação de escolas, postos de saúde, abertura de estradas e ligação da energia elétrica possibilitaram grande melhoria nas condições de vida da população. Esses elementos foram utilizados como linhas divisórias para separar os momentos de grande sofrimento do momento atual, considerado mais fácil (“eles tinham que andar mais de 15 km em picada, no meio mato e com compra nas costas, para chegar ao sítio” – relato relacionado à ocupação do município de Carlinda). Do mesmo modo, o fechamento das escolas rurais e postos de saúde observados na última década foi apontado como o processo final de enfraquecimento das comunidades rurais. Ao mesmo tempo que as infraestruturas são vistas como elementos positivos, também são apontadas como parte das mudanças que levaram ao maior isolamento dos moradores do ponto de vista comunitário. Destaque especial nesse sentido é dado, por exemplo, à chegada da energia elétrica, que teria levado as pessoas a se isolarem em suas casas em detrimento das práticas de lazer coletivas comuns nos tempos sem energia.

d. Abertura / Fechamento das Organizações comunitárias

Assim como as infraestruturas, as organizações locais, como associações, cooperativas, clubes de mães, grupos de lazer, entre outros foram importantes elementos de referência para os agricultores. Pode-se analisar que, na perspectiva dos entrevistados, uma comunidade “viva” e “forte” era uma comunidade que possuía formas de organização específicas, sejam formais ou não. Assim, a estruturação dessas organizações representou outro divisor de águas na medida em que dava sentido à ideia de “comunidade”. Da mesma forma, o enfraquecimento dessas organizações e a perda das práticas comunitárias foram apontados como parte das mudanças que impactaram negativamente nas comunidades e que se tornaram cada vez mais frequentes a partir de 2000.

e. Mudança da base produtiva

A origem de praticamente todos os assentamentos e comunidades rurais participantes da pesquisa foi a produção de lavouras temporárias e permanentes. Café, guaraná, cacau, cupuaçu, banana, arroz, entre outros produtos foram, em algum momento da história, os principais carros-chefes para a geração de renda para as propriedades. Destacava-se ainda a produção para o consumo próprio devido, entre outros aspectos, à dificuldade em se obter alimentos de fora. A mudança da base produtiva para o gado, seja de corte ou leite, ocorreu, de acordo com os entrevistados, basicamente por dois motivos:

a) Desvalorização dos produtos agrícolas / dificuldade de comercialização

A dificuldade de comercialização dos produtos da região norte de Mato Grosso para outras localidades do Brasil é apontada como uma das principais causas do chamado “fracasso das lavouras” e a consequente migração para a pecuária, atividade considerada de menor risco. Assim, entre as dificuldades apontadas destacaram-se: precariedade de estradas, produtos sem beneficiamento (fazendo com que não fosse possível sua estocagem), baixos preços, problemas técnicos de produção devido ou ao excesso de chuvas ou ao período seco severo.

b) Financiamentos públicos voltados exclusivamente para a aquisição de gado

A partir da criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pro-naf) em 1996, iniciaram os financiamentos para aquisição de gado em toda a região. De acordo com os entrevistados, essa linha de crédito não permitia a instalação de lavouras, mas apenas a aquisição de gado. Foram comuns também o relato de problemas com essa compra de gado, que vinha de baixa qualidade. Esse fato gerou grande problema uma vez que continuavam as limitações para geração de renda, porém, agora muitos agricultores possuíam dívidas nos bancos. Apesar disso, o menor risco associado ao gado em comparação com as lavouras, fez com que essa atividade se expandisse por toda a região. Mesmo assentamentos que ainda não obtiveram recursos para a compra de gado, como o Raimundo Vieira, em Nova Guarita, aguardam ansiosos por isso.

f. Garimpo (décadas de 1980 e 1990)

O garimpo foi outra atividade citada como elemento que marcou profundamente a região, em especial pela migração de um grande número de pessoas e pelos impactos ambientais decorrentes da atividade. O garimpo foi compreendido como o responsável pela mudança de atividade de muitos agricultores, por desestruturar muitas comunidades e deixar um passivo ambiental até hoje não recuperado.

g. Projetos de apoio à produção / comercialização (a partir de 2004)

Este foi o único ponto recente citado durante os relatos. Envolveu as recentes parcerias de algumas organizações locais com entidades públicas e privadas e que foram percebidas como positivas pelas famílias. Destacam-se nesse sentido as seguintes ações:

a) *Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), operado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)*. Esse programa, de acordo com os entrevistados, vem conseguindo garantir alguma renda para a população rural, estimulando a volta da diversificação da produção. Algumas limitações ainda se fazem presentes, como a necessidade de documentação e a demanda da compra de produtos atrelada à capacidade de consumo da região (pois toda a compra de alimentos é feita pela Conab mediante doação para alguma entidade);

b) *Projetos ambientais desenvolvidos por ONGs*: esses projetos, pela primeira vez na região, procuram discutir técnicas de produção e de recuperação das condições ambientais. As principais limitações enfrentadas são referentes ao seu aspecto pontual, o trabalho com recursos limitados e sem segurança de continuidade em longo prazo.

h. Aparecimento de novos desafios à produção

Os problemas técnicos, em especial o ataque da cigarrinha das pastagens, os problemas com o fornecimento de água e a morte súbita das pastagens, estão impondo aos agricultores familiares da região grandes desafios. Considerando a falta de assistência técnica para a resolução dessas questões, o resultado é manutenção de índices de produção extremamente baixos limitando, conseqüentemente, a capacidade de geração de renda do setor.

Dessa lista de fatores, aqueles avaliados como ainda presentes nas comunidades e que precisariam ser considerados na análise de resiliência, a partir da percepção de técnicos e agricultores, foram: a continuidade do financiamento para aquisição de gado, a permanência das condições que determinaram o fortalecimento do garimpo como alternativa econômica e os novos problemas técnicos para produção existentes.

Este primeiro momento permitiu ao grupo refletir sobre o sistema de análise no contexto de escalas espacial e temporalmente maiores, uma vez que tornou-se praticamente impossível pensar a agricultura familiar desconectada dos demais segmentos ou do processo histórico em que está inserida. Percebeu-se, por exemplo, que os chamados “fatores desencadeantes” relacionam-se diretamente à “história antes da história”, ou seja, aos próprios antecedentes que levaram à ocupação da região norte de Mato Grosso e a fatores relacionados às macroestratégias de consolidar o modo capitalista de produção na região amazônica (incentivos à abertura de novas áreas e implantação de monoculturas), conforme diversos estudos relatam (ANDRADE *et al.*, 2006; CONCEIÇÃO *et al.*, 2009).

De fato, tornou-se difícil, inclusive, definir o ponto inicial para a caracterização do sistema “agricultura familiar”. Trata-se das características desses agricultores quando chegaram na região, quando saíram de suas propriedades no Sul ou mesmo como se encontram agora? Dentro da lógica de ação do Instituto Ouro Verde, optou-se então por considerar os atributos a partir das falas dos próprios agricultores, mas, também, a partir de um posicionamento político sobre a agricultura familiar na região.

O acirramento dos problemas ambientais, impondo a necessidade de investimento nas propriedades, e o estímulo à grande produção associados à visão de progresso ligado ao agronegócio foram entendidos como os principais fatores de perturbação capazes de influenciar negativamente o subsistema da agricultura familiar atualmente. Isso porque esses fatores influenciariam diretamente em praticamente todos os atributos descritos, mas, em especial, na matriz produtiva das propriedades e na ocupação de mão de obra. Ao consolidar uma lógica empresarial de produção, criou-se a semente para a transformação de toda a lógica da agricultura de base familiar com o fortalecimento da monocultura, diminuição do trabalho no campo e aumento dos custos de produção. A mudança das condições materiais nas vidas das pessoas, por sua vez, retira a própria identidade de “agricultor familiar” ou “camponês”, que abandona suas práticas culturais para assumir uma vida em um novo contexto.

DEFINIÇÃO DOS ATRIBUTOS

Em linhas gerais observou-se que os atributos que caracterizariam o sistema da agricultura de base familiar não se relacionaram somente a aspectos “objetivos”, como tamanho de propriedade ou faixa de renda, mas também a aspectos ligados à forma de se relacionar com a terra e à percepção sobre o seu sistema produtivo e papel da propriedade rural na sua vida. Assim, foram definidas quatro grandes dimensões que estariam diretamente relacionadas à caracterização da agricultura familiar na região: ocupação da mão de obra, organização social, matriz produtiva e relação com a terra, cada uma dessas dimensões qualificadas por um conjunto de atributos que, por sua vez, foram operacionalizados em variáveis, conforme detalhado no Quadro 01.

Quadro 01 – Definição e operacionalização dos atributos da agricultura familiar nas diferentes dimensões de acordo com os grupos envolvidos no trabalho do Instituto Ouro Verde. Alta Floresta, 2014.

| Dimensões | Atributos | Variáveis |
|--------------------|--|--|
| Matriz Produtiva | Nível de diversificação | Número de atividades realizadas; % da área ocupada por pastagem, floresta e lavouras; Número de bovinos existentes; Práticas agrícolas e de manejo realizadas ¹ |
| | Renda | Renda média, máxima e mínima; Renda por unidade de área |
| | Nível de endividamento | Valor dos investimentos realizados com recursos externos; Utilização de insumos externos |
| Mão de Obra | Ocupação da mão de obra na propriedade | Número de residentes no sítio; Número de trabalhadores no sítio; idade; sexo; ocupação; atividades agrícolas e não agrícolas desenvolvidas e renda gerada; opinião sobre atividades mais importantes e justificativas. |
| Papel da Terra | Percepção sobre o papel da terra | Percepção da terra como elemento de reprodução social VS terra como investimento. |
| Organização Social | Confiança | Nível de confiança entre vizinhos e entre as instituições de apoio governamental. |
| | Ajuda mútua | Relação de trabalhos comunitários realizados. Percepções sobre as facilidades/dificuldades dos trabalhos comunitários. |
| | Engajamento social | Nível de participação em organizações formais ou não formais |
| | Grupos formais e informais | Número de grupos formais dos quais participa |

1. Foram compreendidas como “práticas geradoras de autonomia” práticas desatreladas a insumos externos à propriedade, como a utilização de sementes crioulas, técnicas de adubação verde com espécies próprias do agricultor, utilização de controle natural de insetos e plantas. Já as “práticas geradoras de dependência” foram compreendidas como aquelas que necessitam de constante reposição de produtos externos à propriedade, como a utilização de agrotóxicos.

A diversidade identificada nos grupos vinculados ao IOV, especialmente quanto às variáveis ligadas à matriz produtiva, relevaram, conforme indicado por Rodrigues (2005), que coexistiam com diferentes modos de agricultura familiar, ora aproximando-se a um suposto “modo camponês de produção”, ora assumindo caráter empresarial ou mesmo de produção capitalista, conforme classificação indicada por Delgado (2010).

CARACTERÍSTICAS DOS GRUPOS DE AGRICULTORES ENVOLVIDOS COM O INSTITUTO OURO VERDE

O Quadro 02 apresenta os valores mínimos, máximos, a média e o desvio padrão para todas as variáveis estudadas.

Quadro 02 – Valores mínimos, máximos, a média e o desvio padrão para todas as variáveis estudadas junto aos agricultores entrevistados. Alta Floresta, 2014.

| Dimensões | Variáveis Quantitativas | Mínimo | Máximo | Média | Desvio Padrão |
|---------------------|---|--------|--------------------|--------|---------------|
| Matriz Produtiva | % de Pasto | 12 | 87,93 | 60,11 | 22,92 |
| | % de Lavoura | 00 | 27,27 | 9,32 | 7,86 |
| | % de Floresta | 5,56 | 80 | 30,56 | 22,15 |
| | N. de Bovinos/ Hectare | 00 | 2,93 | 1,05 | 0,84 |
| | N. de Práticas que levam à dependência | 00 | 02 | 0,66 | 0,658 |
| | N. de práticas que levam à autonomia | 01 | 05 | 2,85 | 1,06 |
| | % da renda oriunda de atividades agrícolas | 00 | 100 | 71,10 | 36,09 |
| | N. de atividades geradoras de renda | 01 | 08 | 3,95 | 1,74 |
| | Renda / pessoa / hectare | 16,3 | 561,60 | 164,56 | 149,65 |
| Mão de Obra | Hectare / Pessoa | 2,42 | 144,5 ¹ | 24,76 | 32,55 |
| | % de atividades econômicas desenvolvidas pelas mulheres | 00 | 100 | 47,12 | 23,26 |
| | Percepção positiva sobre a sucessão na propriedade | 00 | 01 | 0,19 | 0,40 |
| Organização Social | N. de grupos dos quais participa | 01 | 05 | 3,14 | 1,19 |
| | Nível de envolvimento nos grupos | 00 | 03 | 1,95 | 1,20 |
| | N. de práticas coletivas que realiza | 00 | 04 | 1,66 | 1,39 |
| | Nível de confiança interna | 02 | 19 | 11,09 | 5,38 |
| | N. de organizações citadas como apoio | 02 | 10 | 4,09 | 2,32 |
| Dimensões | Variáveis Dicotômicas | | | | % |
| Relação com a Terra | % de entrevistados com visão positiva do futuro | | | | 81% |
| | % de entrevistados com percepção da terra como recurso financeiro | | | | 9% |
| | % de entrevistados com percepção da terra como reprodução da vida | | | | 95% |

1. Valor obtido em 01 propriedade particular que possuía 433,5 hectares sendo que moravam apenas três pessoas.

Os principais pontos que podem ser destacados são:

a) Matriz produtiva

Houve grande variação nos aspectos relacionados à ocupação do solo, caracterizados pela % de pasto, lavoura e floresta nas propriedades e atividades geradoras de renda. Foi identificada correlação negativa entre a % de floresta e o número de bovinos/hectare ($R = 65,2$, $P < 0,01$), revelando que foi justamente nas propriedades com maior área de floresta que a produtividade/área foi menor na pecuária. De fato, em propriedades com maior área de pastagem foi possível identificar maior número de bovinos/hectare ($R = 67,5$, $P < 0,01$). Também foi encontrada variação na importância das atividades agrícolas como geradora de renda, havendo moradores que não dependiam dessas atividades, com renda principal ligada à aposentadoria ou outras fontes de renda não relacionadas a atividades agrícolas, e moradores que dependiam totalmente dessas atividades.

b) Mão de obra

Houve grande variação no número de pessoas/hectare nas propriedades, com propriedades com área disponível/pessoa de 2,42 hectares até 140 hectares. Somente 20% dos entrevistados revelaram percepção positiva quanto à possibilidade de sucessão familiar na propriedade. Para 80% dos entrevistados, a propriedade fatalmente acabará sendo vendida para outras pessoas em um futuro próximo, mesmo quando avaliam sua atual condição como boa ou satisfatória.

c) Relação com a terra

Este foi o ponto com menor variação entre os pesquisados. De fato, enquanto somente 10% dos entrevistados relacionaram a terra como um investimento para o futuro, 95% associou sua propriedade como um aspecto diretamente relacionado com a sua vida, com seus valores e modo de viver. A percepção da terra como um recurso parece estar associada a uma racionalidade mais econômica e produtivista da área, uma vez que nessas propriedades o número de bovinos/hectare foi superior (2,27 bovinos/hectare contra 0,92 bovinos/hectare, $P < 0,05$). O inverso ocorreu com as propriedades percebidas como modo de vida. Nesses casos, o número de bovinos/hectare foi inferior (0,96 bovinos/hectare contra 2,93 bovinos/hectare, $P < 0,05$).

d) Organização social

Foi observada correlação positiva entre o nível de confiança interna na comunidade e o número de atividades econômicas realizadas ($Rho = 43\%$, $P = 0,05$), revelando que ter laços de confiança dentro da comunidade pode ter reflexos na escolha das atividades produtivas, talvez pelo maior sentimento de segurança ou mesmo pela possibilidade de compartilhamento de trabalhos por meio de atividades comunitárias. Foi encontrada ainda diferença no nível de confiança entre os agricultores que não relataram perceber a terra como recurso e aqueles que percebiam. De fato, enquanto os primeiros totalizaram 11,82 na escala de confiança adotada, os segundos totalizaram 3,25 ($P = 0,05$), revelando que a percepção da terra como recurso pode estar associada a certo individualismo dentro da comunidade. Por fim, cabe destacar a relação encontrada entre o número de grupos que o agricultor participava, o nível de envolvimento nesses grupos, o número de práticas coletivas realizadas e o nível de confiança interno (Quadro 03). Apesar de não ser possível identificar relação de causa-efeito nessas variáveis, é possível dizer que caminham juntas e possuem um efeito “potencializador”.

Quadro 03 – Teste de Spearman para as variáveis relacionadas à organização social dos entrevistados. Alta Floresta, 2014.

| Variáveis | Estatística | Nível de confiança Interna | Número de grupos participantes | Nível de envolvimento nos grupos | Número de práticas coletivas realizadas |
|---|-------------|----------------------------|--------------------------------|----------------------------------|---|
| Nível de confiança Interna | Rho | 1 | 0,593 | 0,641 | 0,589 |
| | P | . | 0,005 | 0,001 | 0,005 |
| | N | 21 | 21 | 21 | 21 |
| Número de grupos dos quais participa | Rho | 0,59 | 1 | 0,700 | 0,599 |
| | P | 0,005 | . | <0,001 | 0,004 |
| | N | 21 | 21 | 21 | 21 |
| Nível de envolvimento nos grupos | Rho | 0,641 | 0,700 | 1 | 0,854 |
| | P | 0,002 | <0,001 | . | <0,001 |
| | N | 21 | 21 | 21 | 21 |
| Número de práticas coletivas realizadas | Rho | 0,588 | 0,599 | 0,854 | 1 |
| | P | 0,005 | 0,004 | <0,001 | . |
| | N | 21 | 21 | 21 | 21 |

As principais reflexões a partir das análises dizem respeito à variedade de situações dentro do grupo entrevistado. Assim, mesmo não sendo possível a partir da amostra entrevistada extrapolar para caracterizar o perfil da agricultura de base familiar em toda a região, os dados permitem refletir que, ao nos referirmos à agricultura familiar ou camponesa estamos, de fato, nos referindo a uma diversidade grande de situações. Agricultores com diferentes percepções sobre sua realidade e que organizam suas propriedades a partir de diferentes estratégias, tendo, conseqüentemente, diferentes formas de ocupação do solo.

Dessa forma, não basta pensar na categoria genérica “agricultura familiar”. De fato, a escolha dos atributos para caracterizar esse sistema pode revelar entendimentos completamente diferentes do que é essa agricultura. Podemos, por exemplo, focar em questões objetivas como tamanho da área, mão de obra e nível de renda. No entanto, essas variáveis podem não ter relação alguma (como identificado no presente trabalho) com elementos como percepção da terra ou níveis organizacionais das comunidades. Assim, mais do que um aspecto objetivo, a escolha dos atributos que deverão ser reforçados no planejamento organizacional como estratégia de fortalecer a resiliência do segmento reflete aspectos subjetivos, relacionados à visão, missão, valores e políticas da organização.

CONSTRUINDO CENÁRIOS E AVALIANDO A RESILIÊNCIA

As oficinas realizadas com técnicos e agricultores tiveram como objetivo a definição de cenários e estratégias de fortalecimento da agricultura familiar na região. A definição desses cenários partiu da discussão entre agricultores e técnicos sobre a situação considerada “ideal” ou “ruim” para cada atri-

buto identificado, comparando com a situação atual pesquisada junto aos agricultores entrevistados. O Quadro 04 apresenta a síntese das visões consideradas positiva e negativa para os técnicos e para os agricultores. Pode-se perceber que as visões destes dois grupos (técnicos e agricultores) se aproximam. É importante reforçar que o cenário pessimista aproximou-se do que os participantes acreditavam que iria acontecer em larga escala, apesar da existência de alguns grupos que resistem e mantêm modos de produção.

Quadro 04 – Síntese das visões otimistas e pessimistas para o sistema da agricultura familiar na visão de técnicos e agricultores.

| Grupo Técnico | Grupo de Agricultores |
|--|---|
| <p style="text-align: center;">Síntese do Cenário Pessimista:</p> <p>Desarticulação das comunidades com redução do número de organizações formais e informais sendo que a forma de atuação das que sobram é puramente na lógica econômica. Mercantilização plena da agricultura (inclusive a racionalidade), separando por completo da Natureza (pagamento por serviços ambientais como única motivação para preservação). Migração de jovens para a cidade. Menor capacidade de trabalho no campo. Concentração de terras e renda. Elevada degradação ambiental.</p> | <p style="text-align: center;">Síntese do Cenário Pessimista:</p> <p>Comunidades desarticuladas, com perda da visão comunitária pelos poucos moradores restantes. Propriedades existentes ficam longe, dificultando as práticas coletivas. Cooperativas não desempenham papel relevante para a vida dos agricultores, estando atoladas em dívida e sem patrimônio. Os agricultores adotam visão de sucesso relacionada a um estilo de vida urbano e industrial, buscando a produtividade máxima da pecuária, assumindo dívidas e causando impactos ambientais graves. O trabalho é feito por diaristas ou pessoas contratadas.</p> |
| <p style="text-align: center;">Síntese do Cenário Otimista:</p> <p>Comunidades vivas, com fortes laços de confiança. Diversidade de organizações que atuam de forma multidimensional e articulada. Terra vista não unicamente como alternativa econômica, mas para a reprodução da vida. Foco na qualidade e não na quantidade de terra por agricultor. Estrutura fundiária bem distribuída, com ocupação de trabalho pela família nas propriedades (diversificação da matriz produtiva). Ligação intrínseca entre a produção e a natureza.</p> | <p style="text-align: center;">Síntese do Cenário Otimista:</p> <p>Comunidades fortes, com a existência de organizações como associações, clube de mães, equipes de esporte, escola, igreja e saúde integradas com a vida comunitária. Grupos existentes se encontrando e atuando em conjunto quando necessário. Propriedades com sistemas produtivos integrados, voltados para a segurança alimentar e mercado, ocupando a família. Produção diversificada.</p> |

A partir desses cenários, os grupos definiram também as principais estratégias para garantir a permanência dos atributos “chave” da agricultura familiar. Essas estratégias estão expostas no Quadro 05.

Quadro 05 – Estratégias definidas por técnicos e agricultores para se chegar ao cenário desejado

| Escalas | Visão Técnica | Visão dos Agricultores |
|--------------|---|--|
| MACRO | a) Governo de base popular e efetivamente democrático. | a) Apoio à reforma agrária. |
| MESO | a) Políticas públicas articuladas com a agroecologia; b) Reforma agrária efetiva; c) Incentivos governamentais para a diversificação da matriz produtiva, articulando crédito, assistência técnica e comercialização (mercado local – regional – nacional). | a) Buscar parcerias e fortalecer programas e ações no sentido de construir uma “Educação do Campo”; b) Ações inovadoras na área de crédito e comercialização. |
| MICRO | a) Fortalecimento das estruturas comunitárias, públicas e privadas; b) Existência de espaços de formação política e técnica. | a) Ter espaços de discussão nas comunidades. Que esses espaços sejam democráticos e transparentes; b) Estímulo aos mutirões e outras formas coletivas de ação; c) Buscar a articulação com entidades públicas e privadas; d) Fortalecer as estruturas comunitárias; e) Formação de jovens; f) Promover intercâmbios entre grupos de agricultores (conhecer experiências). |

Verifica-se que, apesar das estratégias caminharem em um mesmo sentido, as estratégias definidas pelos agricultores foram basicamente relacionadas a sua vida comunitária e a sua prática de campo. Já a equipe técnica definiu um conjunto de ações maiores, com foco no Macrossistema.

Os resultados das discussões apontam para a percepção que o fortalecimento do sistema “agricultura familiar” implicava necessariamente em ações em diferentes escalas. A questão base que se apresentou foi como fortalecer uma proposta de organização produtiva baseada na pequena escala, na diversificação da produção e no trabalho dentro de uma lógica que impõe produção padronizada em larga escala com foco no retorno ao capital investido e que busca, por isso mesmo, minimizar o trabalho envolvido.

A discussão passou a ser então as escalas e a capacidade dos sistemas locais em interferir na dinâmica maior. Deve-se ainda levar em consideração que a resistência à transformação do modo de produção não ocorre apenas em um local, mas ocorre de forma difusa. Dessa forma, outro componente fundamental da análise são os mecanismos efetivos de articulação dessas diferentes forças (e que não estão restritas ao campo, mas envolvem grupos que também atuam em outros espaços nessa mesma perspectiva).

Destaca-se ainda que os elementos considerados no cenário “pessimista” poderiam ser avaliados como “otimistas” por alguns grupos (por exemplo, grandes produtores rurais). Esse fato torna praticamente impossível, na visão dos participantes do trabalho, a construção de um cenário que contemple a situação “ótima” para todos os segmentos. De fato, existiam questões que foram consideradas divisores de água, por exemplo, a reforma agrária ou a busca por recursos públicos, e que irão determinar como os diferentes sistemas que se justapõem serão articulados e evoluirão.

Para enfrentar esse conjunto de desafios, agricultores e técnicos entenderam que fortalecer os atributos da agricultura de base familiar e buscar mecanismos para interferir em escalas superiores do sistema devem ser tarefas constantes (escalas macro, meso e micro). Entre as ações consideradas potencialmente interessantes estão: o fortalecimento dos laços de articulação entre os grupos organizados de agricultores e outros grupos de resistência (movimentos sociais que se estabeleceram na região), o desenvolvimento de ações para articular a assistência técnica voltada à agroecologia e à comercialização de produtos (fortalecendo assim uma proposta de matriz produtiva diversificada e em bases agroecológicas), a construção de parcerias nacionais para a influência direta na elaboração de políticas públicas em todas as esferas de governo.

Trazendo as ações para o nível local, é importante compreender melhor a relação existente entre confiança interna da comunidade e o processo de tomada de decisão sobre as atividades a serem desenvolvidas nas propriedades. De fato, o que os dados demonstram é que uma condição essencial para que haja uma agricultura de base familiar fortalecida é o fortalecimento das próprias comunidades rurais. Assim, podem ser desenvolvidos trabalhos no sentido de fortalecer laços de confiança e solidariedade dentro das comunidades, por exemplo, com a criação de espaços de discussão e trabalho coletivo – não necessariamente vinculados à produção agropecuária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados e encaminhamentos permitem dizer que a metodologia permitiu a construção do planejamento estratégico e operacional do Instituto. De fato, centrando o foco da discussão sobre atributos da agricultura familiar, foi possível maior objetividade na definição de ações que efetivamente dialogavam com os princípios que se buscava. Por outro lado, o exercício de definição dos próprios atributos configurou-se como um importante processo de reflexão e diálogo interno que, por si só, já contribuiu para o fortalecimento da organização.

Ao mesmo tempo, a metodologia poderia ser ampliada para um número maior de pessoas, envolvendo todos os grupos associados ao IOV bem como um número maior de entrevistados, o que permitiria identificar clusters homogêneos, aprofundando as estratégias de resiliência dentro de cada cluster. Por fim, seria importante incorporar à análise elementos relacionados à “resiliência ambiental” dos sistemas de produção familiar. Isso poderia ser feito, por exemplo, avaliando a fertilidade dos solos, a capacidade de suporte de pastagens, a qualidade da água, entre outros indicadores. Esses dados, cruzados com a tipificação dos agricultores da região, dariam a real dimensão das diferentes situações referentes à resiliência do segmento.

NOTAS

¹ É o caso da Cooperativa Agrícola de Cotia, parceira na estruturação do Projeto de Assentamento Carlinda, que futuramente iria se tornar um município, e a Coopercana, que atuou na colonização, por meio de vários assentamentos, do município de Terra Nova do Norte.

² Pesquisa realizada pelo Instituto Ouro Verde demonstrou que cerca de 50% dos agricultores familiares da região do Portal da Amazônia não possuem a documentação básica para acessar as políticas públicas voltadas para a agricultura familiar. Esse problema é devido basicamente à falta de regularização fundiária (ocupação ilegal de lotes) ou falta de informação sobre os documentos necessários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, F. G.; MATTO, A. A.; ARAÚJO, J. C. A constituição do campesinato na Amazônia e suas estratégias de reprodução: o caso da comunidade de São Bento no estado do Acre. 2006.

CONCEIÇÃO, S. G.; FRAXE, T. J. P.; SCHOOR, T. Agricultura familiar e capitalismo: desafios para a continuidade da categoria na Amazônia. XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária. Anais... São Paulo, 2009.

CUNHA, D. M. et al. O avanço do capital sobre a floresta: uma análise dos processos de desterritorialização e favelização na Amazônia. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais... Caxambu, 2008.

DEPONTI, C. M. Teoria social e o lugar da agricultura familiar na sociedade contemporânea: estudo analítico – comparativo das contribuições brasileiras ao debate. XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 22 a 25 de junho de 2007. Anais... Londrina, PR. 2007.

RODRIGUES, M. F. F. Quem sabe faz a hora: a análise das estratégias de reprodução em Geógrafos da América Latina, 20 a 26 de março de 2005, USP. p. 12665-12684.

SANTOS, J. V. T. A reprodução subordinada do campesinato. Ensaio FEE, Porto Alegre, 02 (02), 1981. p.109-1997.

SCHOLES, R. J.; BIGGS, C. P.; DURAIAPPAH, A. Assessing state and trends in ecosystem services and human well-being. Chapter 4 in: Ecosystems and Human Well-being: A manual for assessment practitioners. ASH, N. et al. (Ed.). Island Press: Washington DC, 2010.

S.E.A.C. – Swedish Environmental Advisory Council. Resilience and sustainable development. Stockholm: Ministry of the Environment, 2010. 8p.

WANDERLEY, M. N. B. O Brasil: agricultura familiar ou latifúndio? In: LAMARCHE, H. A. A agricultura familiar. Campinas: UNICAMP, (2), 1998. p.27-31.